

TRANSIÇÃO NUTRICIONAL NO ESTADO DE MINAS GERAIS EM 1974 E 2009: UM ESTUDO COM ENFOQUE NA POPULAÇÃO IDOSA

NUTRITIONAL TRANSITION IN THE STATE OF MINAS GERAIS IN 1974 AND 2009: A STUDY WITH AN APPROACH TO THE ELDERLY POPULATION

Viviane Bicalho Duffles Teixeira¹

Carla Jorge Machado²

Mariana Gomes Faria³

Rafael Valério Gonçalves⁴

RESUMO:

Este trabalho investigou a transição nutricional em Minas Gerais para entender as mudanças de hábitos alimentares e estado nutricional da população e suas possíveis consequências. Ressalta-se que o país vem passando pelo processo de transição demográfica, o qual resulta no acréscimo da proporção da população idosa, demandando estudos que compreendam este novo perfil populacional e epidemiológico. Objetivou-se analisar a transição nutricional no Estado de Minas Gerais nos anos de 1974/1975 e 2008/2009. As fontes de dados utilizadas foram duas pesquisas domiciliares por amostragem nacionais: Estudo Nacional de Despesa Familiar (1974/1975) e Pesquisa de Orçamentos Familiares (2008/2009). As variáveis utilizadas foram referentes ao consumo alimentar e à antropometria da população residente em domicílios particulares permanentes no Estado de Minas Gerais. As principais mudanças de hábitos alimentares percebidas foram: o aumento do consumo de alguns alimentos de origem animal; queda do consumo de cereais e derivados, oleaginosas e leguminosas, raízes, tubérculos e derivados; substituição de gordura animal por óleos e gorduras vegetais e estagnação do consumo de frutas, legumes e verduras. As mudanças antropométricas percebidas referem-se ao acréscimo nos valores de Índice de Massa Corpórea (IMC), sobretudo entre mulheres idosas. Verificou-se que estas alterações alimentares estão associadas às modificações do estado nutricional da população em análise e conseqüentemente a um novo cenário epidemiológico.

PALAVRAS-CHAVE: Antropometria; Consumo Alimentar; Doenças Crônicas não Transmissíveis; Envelhecimento Populacional; Transição Nutricional.

¹ Mestranda em Saúde Pública e graduada em Ciências Socioambientais pela Universidade Federal de Minas Gerais. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/8995836966394526>.

² Doutora em Population Dynamics pela Johns Hopkins University (Estados Unidos), pós-doutora em Saúde Coletiva/Epidemiologia, mestra em Demografia e graduada em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora da Universidade Federal de Minas Gerais. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/9799543313637032>.

³ Graduada em Medicina pela Universidade José do Rosário Vellano. Médica generalista da Prefeitura de Belo Horizonte. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/9626138778917598>.

⁴ Graduando em Medicina pela Universidade Federal de Minas Gerais e graduado em Ciência da Computação pela Universidade Estadual de Campinas. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/5804584749084567>.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVII Jan-jun 2018	Trabalho 01 Páginas 01-24
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

ABSTRACT:

This article investigated the nutritional transition in Minas Gerais to understand the changes in dietary habits and nutritional status of the population and its possible consequences. It should be emphasized that the country is undergoing the process of demographic transition, which results in the increase of the proportion of the elderly population, demanding studies that understand this new population and epidemiological profile. The objective of this study was to analyze the nutritional transition in Minas Gerais in the years 1974/1975 and 2008/2009. As data sources two domiciliary national sample surveys were used: Estudo Nacional de Despesa Familiar (1974/1975) e Pesquisa de Orçamentos Familiares (2008/2009). Food consumption and anthropometry of the population living in permanent private households in Minas Gerais were the variable considered. The main changes in perceived eating habits were: increased consumption of some foods of animal origin; decrease in the consumption of cereals and derivatives, oilseeds and legumes, roots, tubers and derivatives; replacement of animal fat by vegetable oils and fats and stagnation of consumption of fruits, vegetables and greens. The perceived anthropometric changes refer to the increase in the values of Body Mass Index (BMI), especially among elderly women. It was verified that these alimentary changes are associated to the modifications of the nutritional state of the population in analysis and consequently to a new epidemiological scene.

KEYWORDS: Anthropometry; Food Consumption; Chronic Noncommunicable Diseases; Population Aging; Nutritional Transition.

01 – INTRODUÇÃO

A transição nutricional consiste nas alterações de dieta e na composição corporal de indivíduos no decorrer do tempo. Essas alterações são consequências, sobretudo, do estilo de vida e de modificações no perfil de saúde dos indivíduos. As mudanças de dieta e composição corporal ocorrem de maneiras e intensidades distintas, de acordo com a região, cultura e condições socioeconômicas dos indivíduos (TADDEI, 2011; KAC; SICHIERI; GIGANTE, 2007).

As áreas urbanizadas em países em desenvolvimento são onde se percebe maior impacto na disponibilidade de alimentos e mudanças de consumo, sobretudo nas duas últimas décadas do século XX e início do século XXI. Verifica-se a ocorrência da transição nutricional simultaneamente ou consecutivamente à transição epidemiológica e demográfica, visto que a transição epidemiológica identifica alterações nos padrões de saúde/doença e a transição demográfica apresenta modificações na estrutura populacional e, logo, nas demandas desta população também. Assim sendo, não seria adequado analisar qualquer destes processos isoladamente, uma vez que as transições exercem influências umas sobre as outras (TADDEI, 2011).

Ao se estudar a Teoria da Transição Demográfica, percebe-se que o Brasil está passando ao que esta teoria propõe: a transição de uma sociedade

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVII Jan-jun 2018	Trabalho 01 Páginas 01-24
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

agrária para industrial, em que em um primeiro momento apresentou altas taxas de mortalidade e de fecundidade e em um estágio mais intermediário são observados primeiramente a redução de mortalidade e depois de fecundidade (MARTINE, 1996). Um dos efeitos que este processo de transição acarreta é a modificação na estrutura etária, o que já vem ocorrendo no Brasil visivelmente desde a década dos anos de 1980 com a diminuição da proporção do número de crianças e adultos e aumento da proporção de idosos (BARBIERI, 2013). A tendência de envelhecimento da população brasileira continua para as próximas décadas passando a proporção de população de 65 anos e mais de 5,9% em 2000 a uma proporção estimada de 21,1% em 2050. Neste mesmo período, a população de menos de 15 anos passará de 29,6% em 2000 a 15,5% em 2050 (CEDEPLAR e FIOCRUZ, 2008).

Na atual etapa do processo de transição nutricional ressalta-se o aumento da prevalência de sobrepeso, obesidade e outras morbidades associadas ao sobrepeso e à obesidade, possivelmente influenciadas pelo regime alimentar e hábitos de vida não saudáveis. A dieta caracteriza-se pela ingestão elevada de gordura total, açúcar, colesterol, carboidratos refinados e pequena ingestão de ácidos graxos poli-insaturados e fibras. Esta etapa é percebida em países economicamente mais desenvolvidos e em parcelas da população em países em desenvolvimento, tendo o aumento da prevalência de Doenças Crônicas não Transmissíveis (DCNT). Assim, doenças crônicas como diabetes mellitus (sobretudo do tipo 2), neoplasias, doenças cardiovasculares e cerebrovasculares se tornaram também mais frequentes (KAC; VELASQUEZ-MELENDZ, 2015).

Estudos que abordam as transições demográfica, nutricional e epidemiológica são necessários para que se compreenda as necessidades demandadas por este novo perfil populacional o qual vem sendo formado. O fenômeno da transição nutricional a partir de alterações da dieta e da composição corporal dos indivíduos tem efeitos associados às DCNT (KAC; SICHIERI; GIGANTE, 2007).

O presente trabalho tem como objetivo analisar o processo de transição nutricional da população de adultos e idosos residente no estado de Minas Gerais (MG).

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVII Jan-jun 2018	Trabalho 01 Páginas 01-24
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

02 – METODOLOGIA

O estudo utilizará dados do Estudo Nacional de Despesa Familiar (ENDEF) e da Pesquisa de Orçamento Familiar (POF), ambos disponibilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Serão considerados os dados referentes a população adulta residente em MG em dois biênios de ocorrência do ENDEF e POF: 1974/1975 e 2008/2009, respectivamente. As variáveis analisadas são a respeito do consumo alimentar e antropometria – índice de massa corporal (IMC), sendo que a primeira será analisada para a população adulta em geral e a segunda para adultos e idosos.

O ENDEF é uma pesquisa realizada pelo IBGE que obteve como amostra 55.000 domicílios brasileiros, 53.311 famílias e 267.446 pessoas. Os domicílios pesquisados foram selecionados em quatro estágios: municípios, setores censitários de 1970, subsetores e domicílios, abrangendo todo o território brasileiro, em exceção de áreas rurais das regiões Norte e Centro-Oeste. Esta pesquisa teve como objetivo avaliar o consumo alimentar, o estado nutricional e a despesa familiar de uma amostra da população. A coleta de dados foi feita a partir de questionários, nos quais suas variáveis abordavam os temas de educação, consumo alimentar, antropometria (peso, altura e perímetro braquial), gastos e rendimentos, composição familiar e atividade profissional, tendo ênfase para o consumo alimentar e renda familiar. Dessa forma, o ENDEF é considerado o primeiro inquérito de análise de consumo alimentar no Brasil, realizado entre 19 de agosto de 1974 e 11 de agosto de 1975. Logo, por ser o estudo de consumo alimentar mais antigo do país, considerou-se importante a sua análise para o presente estudo. Em cada domicílio a pesquisa foi realizada durante sete dias, período em que o pesquisador pesava todos os alimentos consumidos pela família – domicílios particulares – em cada uma das refeições realizadas na residência e coletava as demais informações. É importante ressaltar que o ENDEF realizou a coleta de dados somente em domicílios particulares permanentes (TADDEI, 2011; INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 1977).

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVII Jan-jun 2018	Trabalho 01 Páginas 01-24
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

A POF também é uma pesquisa realizada pelo IBGE em domicílios particulares permanentes no período de aproximadamente doze meses, com o intuito de perceber possíveis alterações sazonais capazes de influenciar o padrão de consumo. Foram realizadas quatro pesquisas nos seguintes biênios: 1986-1987, 1995-1996, 2002-2003, 2008-2009. Para o presente estudo serão utilizados somente os dados referentes ao último biênio de 2008-2009, por se tratarem de dados mais atuais. Em cada POF realizada os objetivos eram retraçados e a área geográfica para amostra também se modificava. A respeito da POF de 2008-2009, a qual será tratada nesta pesquisa, cabe observar que foi realizada em áreas urbanas e rurais do Brasil, entre 19 de maio de 2008 e 18 de maio de 2009 com os objetivos de avaliação do consumo das famílias e condições de vida da população, em especial a antropometria e consumo alimentar. Durante nove dias eram coletadas informações sobre o domicílio e seus moradores a partir de questionários. Um total de 68.373 domicílios foram pesquisados, aproximadamente, 230.000 pessoas (TADDEI, 2011; INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2010).

Atualmente, os dados encontrados do ENDEF se referem ao consumo alimentar e antropometria, disponibilizados na forma de dados agregados pelo site do IBGE, sendo então os únicos dados desta pesquisa para comparações com dados de outras décadas (TADDEI, 2011; INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 1977; INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2010).

Os dados secundários do ENDEF e POF retirados do site do IBGE foram manipulados no programa Excel, e então sumarizados em frequências relativas que serão expostas através de tabelas. A análise descritiva buscará descrever os dados de antropometria e consumo alimentar nos dois biênios, com a finalidade de comparação entre os dois momentos.

Para a análise do IMC existem critérios de classificação distintos que não apresentam consenso a respeito dos pontos de corte (TADDEI, 2011). Martins et al. (2015) fazem uma revisão para verificar quais pontos de corte estão sendo utilizados em publicações da Biblioteca Virtual em Saúde e concluíram que a maioria dos autores adotou o ponto de corte da WHO para classificar o IMC. Segundo a World

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVII Jan-jun 2018	Trabalho 01 Páginas 01-24
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

Health Organization (1995 apud MARTINS et al., 2015), a aplicação do IMC é indicada para investigar o estado nutricional e o risco de morbimortalidade (MARTINS, 2015).

Para a classificação dos valores de IMC encontrados serão utilizados como referência os pontos de cortes das categorias do IMC indicados pela WHO – baixo peso < 18,5; 18,5 a 24,9 eutrofia; 25 a 29,9 sobrepeso; 30 a 34,9 obesidade grau I; 35 a 39,9 obesidade grau II; ≥ obesidade grau III.

Destacam-se diferenças metodológicas entre o ENDEF e POF: os dados coletados para avaliação do IMC são agregados por faixas etárias distintas entre as duas pesquisas, sendo fator limitante para uma comparação mais precisa. Observa-se que as informações referentes ao IMC de adultos no biênio 2008/2009 incluem dados do grupo etário de 18 a 64 anos, embora a população a partir de 60 anos seja considerada como idosa, de acordo com a Organização Mundial de Saúde (1995 apud CAMPOS et al., 2006). Não foi possível retirar os idosos entre 60 e 64 anos do grupo etário, pois os dados coletados são agregados, sendo outra limitação para uma maior confiabilidade do estudo. Na comparação de valores de IMC de idosos também foram encontradas diferentes grupos etários entre as pesquisas: no ENDEF foram delimitados os grupos de idade de 60 a 69 anos e 70 anos e mais, enquanto na POF os grupos são de 55 a 64 anos, 65 a 74 anos e 75 anos ou mais. O grupo de 55 a 64 anos inclui adultos não considerados idosos, entre 55 e 59 anos, podendo enviesar a amostra.

03 – RESULTADOS

A Tabela 1 apresenta a proporção da participação relativa de alimentos no total de calorias nos biênios 1974/1975 e 2008/2009, destacando-se que os dados da década de 1970 referem-se a Minas Gerais e Espírito Santo (ES) e os da década de 2000, a Minas Gerais estritamente. A não disponibilização dos microdados do ENDEF pelo IBGE não possibilitaram que as informações de MG e ES fossem desagregadas, limitando uma comparação mais fiel, pois cada estado possui condições sociais, culturais, econômicas e geográficas que podem influenciar os dados.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVII Jan-jun 2018	Trabalho 01 Páginas 01-24
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

A respeito do consumo alimentar, nos dois momentos analisados (1974/75 e 2008/09) predomina-se o consumo de cereais e derivados (arroz polido, pão francês, biscoito, farinha de trigo, entre outros). De acordo com a Tabela 1, o consumo de açúcar praticamente se manteve na série histórica analisada, sendo que de 16,6%, passou para 14% do consumo calórico. O maior aumento de consumo calórico foi de óleos e gorduras vegetais, que representavam 4,5% e passaram a 14,8%, enquanto a maior queda de consumo foi a de gordura animal, como manteiga e toucinho, que de 8,8% caiu para 2,1%. Também apresentaram quedas consideráveis o consumo de leguminosas e oleaginosas, o qual caiu pela metade (11,7% para 5,8%) e o consumo de raízes, tubérculos e derivados, como batata e mandioca (6,0% para 2,2%). O consumo de leite e derivados aumentou de 4,0% para 6,0% e a de bebidas gasosas foi de 0,1% para 1,6%. Os demais grupos de alimentos sofreram alterações mais sutis.

Ressalta-se o aumento do consumo de alguns produtos de origem animal (carnes, leites e derivados); queda do consumo de cereais e derivados, oleaginosas e leguminosas, raízes, tubérculos e derivados; substituição de gordura animal por óleos e gorduras vegetais.

Tabela 1: Participação relativa (%) de alimentos e grupo de alimentos no total de calorias consumidas em MG e ES (1974-1975) e em MG (2008-2009).

Grupo de alimentos e alimentos	Ano	
	1974/1975	2008/2009
Cereais e derivados	38,2	35,9
Açúcar de mesa e derivados	16,6	14
Óleos e gorduras vegetais	4,5	14,8
Leguminosas e oleaginosas	11,7	5,8
Carnes	6,5	9,4
Gordura animal	8,8	2,1
Leites e derivados	4	6
Raízes, tubérculos e derivados	6	2,2
Refeições prontas e misturas industrializadas	Não informado	4,4
Frutas e sucos naturais	1,5	1,7
Legumes e verduras	1	0,8
Bebidas gasosas	0,1	1,6
Ovos	0,7	0,6
Bebidas alcoólicas	0,2	0,5
Condimentos	0,1	0,3
Café, mate e infusões	0,2	Não informado
Total	100	100

Fonte: Adaptado de IBGE – Pesquisa de Orçamento Familiar 2008-2009; Estudo Nacional de Despesa Familiar 1974-1975 (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 1977).

Na Tabela 2 e Tabela 3 são apresentados dados antropométricos dos biênios 1974/1975 e 2008/2009 referentes à população adulta, incluindo as medianas de peso, altura e IMC, calculado pela divisão da mediana de peso (em kg) pela mediana da altura ao quadrado (em metros).

Em ambos os sexos foram observados ganho de peso, altura e aumento do IMC. Adultos do sexo masculino apresentavam 60,8 kg, 1,68 m e IMC de 21,5 kg/m² em 1974/75 e em 2008/09 passaram a apresentar 72,3 kg, 1,72 m e IMC de 24,4 kg/m². No caso de mulheres adultas, o peso variou de 52,6 kg para 60,3 kg, a altura de 1,57 m para 1,61 m e o IMC de 21,3 kg/m² para 23,3 kg/m² nos biênios analisados.

Pode-se inferir que, de acordo com os valores de IMC encontrados, tanto na década de 1970 quanto em 2008/09, os adultos se enquadravam na categoria de eutrofia. Entretanto, os homens se encontram bem próximos ao limite entre a categoria de eutrofia e de sobrepeso. O sexo masculino teve maior incremento no valor do IMC do que as mulheres.

Tabela 2: Medianas de peso, altura e IMC por grupo de idade e sexo para adultos, 1974/1975 – MG e ES.

Grupo de idade	Masculino			Feminino		
	Peso (kg)	Altura (m)	IMC (kg/m ²)	Peso (kg)	Altura (m)	IMC (kg/m ²)
18 a 59 anos	60,8	1,68	21,5	52,6	1,57	21,3

Fonte: IBGE - Estudo Nacional de Despesa Familiar 1974-1975 (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 1977).

Tabela 3: Medianas de peso, altura e IMC por grupo de idade e sexo para adultos, 2008/2009 – MG.

Grupo de idade	Masculino			Feminino		
	Peso (kg)	Altura (m)	IMC (kg/m ²)	Peso (kg)	Altura (m)	IMC (kg/m ²)
18 a 64 anos	72,3	1,72	24,4	60,3	1,61	23,3

Fonte: IBGE – Pesquisa de Orçamento Familiar 2008-2009 (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2010).

A Tabela 4 e Tabela 5 apresentam as medianas de peso, altura e valores de IMC para a população idosa de MG por grupo etário e sexo. De acordo com os critérios de cortes do IMC supracitados determinados pela WHO, os idosos se enquadravam na categoria de estado nutricional adequado (eutrofia) no biênio 1974/75, enquanto em 2008/09 os idosos do sexo masculino pesquisados se

encontravam no limite da categoria de eutrofia com a de sobrepeso e as idosas se enquadravam na categoria de sobrepeso.

Confrontando os dados de IMC dos dois biênios percebe-se que a mediana de peso aumentou em todos os grupos etários e sexo, enquanto a mediana de altura também apresentou aumento, entretanto, mais sutil. O peso médio dos idosos entre 1974 e 1975 era de 56,7 kg e a altura média 1,66 m, tendo o IMC médio de 20,7 kg/m². Já as mulheres apresentaram peso médio de 51,1 kg e altura média de 1,53 m com o IMC de 22,0 kg/m². Para os anos de 2008/2009, o grupo de idosos do sexo masculino teve peso médio de 68,6 kg e altura de 1,67 m resultando no IMC de 24,5 kg/m². As idosas pesquisadas neste biênio tinham peso médio de 61,2 kg e altura média de 1,55 m com IMC de 25,3 kg/m². Embora a prevalência de excesso de peso (IMC \geq 25 kg/m²) e obesidade (IMC \geq 30 kg/m²) seja maior entre mulheres idosas, nota-se que a diferença entre os gêneros foi reduzida entre a década de 1970 e de 2000. Foi percebido aumento do IMC em ambos os sexos no período analisado.

Tabela 4: Medianas de peso, altura e IMC por grupo de idade e sexo para idosos, 1974/1975 – MG e ES.

Grupos de idade	Masculino			Feminino		
	Peso (kg)	Altura (m)	IMC (kg/m ²)	Peso (kg)	Altura (m)	IMC (kg/m ²)
60 a 69 anos	57,6	1,66	20,9	52,6	1,54	22,3
70 anos e mais	55,8	1,66	20,4	49,6	1,51	21,7

Fonte: IBGE - Estudo Nacional de Despesa Familiar 1974-1975 (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 1977).

Tabela 5: Medianas de peso, altura e IMC por grupo de idade e sexo para idosos, 2008/2009 – MG.

Grupos de idade	Masculino			Feminino		
	Peso (kg)	Altura (m)	IMC (kg/m ²)	Peso (kg)	Altura (m)	IMC (kg/m ²)
55 a 64 anos	72,1	1,68	25,5	64,1	1,57	26
65 a 74 anos	69,1	1,68	24,5	62,4	1,56	25,6
75 anos ou mais	64,8	1,66	23,7	57,2	1,53	24,4

Fonte: IBGE – Pesquisa de Orçamento Familiar 2008-2009 (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2010).

Observa-se a alteração da situação nutricional de adultos e idosos, que na década de 1970 estavam enquadrados na categoria de eutrofia, porém mais próxima à categoria de baixo peso, e em 2008/2009 são notados grupos de idosos na categoria de sobrepeso e adultos e idosos na categoria de eutrofia mais próxima ao limite da categoria de excesso de peso.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVII Jan-jun 2018	Trabalho 01 Páginas 01-24
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

04 – DISCUSSÃO

A comparação dos inquéritos de 1974/75 e 2008/09 sugere mudanças na composição da dieta da população total e na antropometria da população geral e idosa durante este período. As informações resultantes de estudos populacionais em nutrição são de extrema importância para que sejam garantidas recomendações coerentes com os padrões alimentares de cada população, respeitando fatores sociais, culturais, ambientais e econômicos.

Estudos antropométricos e de avaliação nutricional são feitos no Brasil desde a década de 1970. Entretanto, cada estudo realizado fez uso de metodologia específica, o que dificulta a comparação dos dados (TADDEI, 2011). Pesquisadores que trabalham com dados do ENDEF têm outra limitação, qual seja, a dificuldade de acesso aos microdados, que não estão disponíveis no sítio do IBGE ou em outros sítios da internet, estando disponíveis os resultados agregados. Assim, não foi possível realizar a coleta de dados estritamente para o estado de Minas Gerais para o biênio de 1974-1975.

De acordo com os resultados encontrados, o aumento do consumo de carne observado é de certa maneira positivo, por se tratar de um alimento rico em proteínas e em micronutrientes como ferro e vitamina B12, entretanto, tendem a ser ricas em gorduras saturadas (não saudáveis) e, se consumidas em excesso, elevam o risco de doenças crônicas (VENTURINI; et al., 2015). Estudo realizado na cidade de Porto Alegre indicou que um menor consumo de carne está relacionado à maior longevidade (VENTURINI; et al., 2015), provavelmente devido ao maior aporte calórico e a uma maior disponibilidade de proteína. O mesmo estudo indicou também que o consumo de carnes também está associado ao aumento da mortalidade por doenças como diabetes, câncer e doença coronariana.

A intensificação do consumo de carne, e simultaneamente o aumento de sua produção, indicam uma preocupação para a saúde ambiental e humana, visto que para a produção de carne, sobretudo bovina, tem-se como consequências grandes desmatamentos para áreas de pastagens e também o impacto ambiental

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVII Jan-jun 2018	Trabalho 01 Páginas 01-24
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

causado pela emissão de gases pelo gado (GIOVANINI; FREITAS; CORONEL, 2015).

A substituição de gordura animal por óleos e gorduras vegetais durante o período analisado pode ser explicada pela diminuição da utilização de banha, bacon e manteiga e aumento de consumo, sobretudo, de óleos vegetais e de margarina. Estudo sobre o padrão alimentar da população de áreas metropolitanas brasileiras encontrou esta mesma tendência de troca de consumo de gorduras de fonte animal por vegetal (MONDINI; MONTEIRO, 1994). Produtos como gorduras e óleos vegetais tendem a ser acessíveis, pois são estocados por bastante tempo e porque não são caros (BRASIL; MINISTÉRIO DA SAÚDE; SECRETARIA DE ATENÇÃO À SAÚDE; DEPARTAMENTO DE ATENÇÃO BÁSICA, 2014).

Observou-se ainda neste trabalho, a despeito das diferentes metodologias, a diminuição do consumo de leguminosas. Isso pode estar relacionado à tendência da maior produção de milho e soja, em detrimento do feijão, por serem mais rentáveis para os agricultores em uma mesma área plantada. Além disso, a urbanização e a alteração de hábitos alimentares demonstram maior procura a alimentos industrializados ou de fácil preparo (EMBRAPA, 2002).

Os resultados apontaram que o consumo de frutas, legumes e verduras praticamente se estagnou e o consumo de açúcar, apesar de ter tido leve queda, está acima da recomendação de até 10% (TADDEI, 2011). A estagnação do consumo de frutas, legumes e verduras em Minas Gerais é uma constatação que precisa de atenção. Estudo realizado nas capitais brasileiras e Distrito Federal constatou que a associação entre idade e consumo de frutas e hortaliças é positiva (JAIME; et al., 2015), ou seja, com o avanço da idade, é perceptível o aumento do consumo destes alimentos. É compreensível que idosos tenham o costume de maior ingestão de frutas, legumes e verduras, visto que quando mais novos formaram seus hábitos alimentares em um momento em que a presença e consumo de alimentos industrializados eram pequenos. Grande parte dos idosos de hoje em dia nasceram em áreas rurais, onde tinham maior possibilidade de plantio e cultivo de culturas de frutas, legumes e verduras, e atualmente vivem em áreas mais urbanizadas (JAIME; et al., 2015). Outros autores também demonstraram que a escolaridade associa-se

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVII Jan-jun 2018	Trabalho 01 Páginas 01-24
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

positivamente com o consumo de frutas e hortaliças. Ou seja, quanto mais avançada a idade e escolaridade o indivíduo possua, maior a probabilidade de consumo adequado de frutas e hortaliças (JAIME; et al., 2015).

Minas Gerais é um estado de tradições e culturas diversas, e sua relação com a produção de alimentos e com a gastronomia é sempre lembrada. O hábito de manter quintais com ervas medicinais, pomares e hortas advêm de um período mais antigo de predominante ruralização, hábito o qual perdeu força com a urbanização e o êxodo rural (ABDALA, 1997). Ainda são encontradas em cidades do interior pessoas que mantêm o costume de cultivo de culturas em seus quintais ou em áreas compartilhadas por mais vizinhos. Entretanto, nota-se que os responsáveis por manter estas tradições são adultos com idade mais avançada ou idosos, enquanto os jovens se demonstram normalmente desinteressados por tais práticas. Geralmente as tradições de cultivo são passadas hereditariamente, os modos de plantio, irrigação, colheita, métodos naturais para combate de pragas, sazonalidade dos alimentos, benefícios e malefícios dos alimentos e o modo de preparo. Estas tradições são passadas de pais para filhos há décadas, porém têm sido interrompidas pelo desapareço de jovens, os quais têm como intenção se mudarem para cidades maiores, onde irão estudar e/ou trabalhar. Como este tipo de tradição hereditária é transmitida de forma oral, os conhecimentos vêm se perdendo, por falta de registros (MOREIRA, 2015; RODRIGUES, 2005). Todo este contexto sociocultural remete-se à diminuição de consumo de alimentos in natura ou minimamente processados e à perda de tradições intergeracionais de cultivos e preparos alimentares. Em áreas urbanizadas dificilmente é possível se manter o hábito de cultivos em quintais, devido à falta de espaço e ao ritmo de vida levado. A agricultura urbana, alternativa para ambientes urbanos, ainda é pouco desenvolvida e somente recentemente vem sendo inserida na agenda pública (BRASIL; MINISTÉRIO DA SAÚDE; SECRETARIA DE ATENÇÃO À SAÚDE; DEPARTAMENTO DE ATENÇÃO BÁSICA, 2014; COUTINHO, 2010).

Devido à facilidade e diversidade de alimentos processados, percebe-se a estagnação ou diminuição de alimentos in natura e minimamente processados (arroz, feijão, frutas, legumes, verduras, entre outros). A consequência disto é o

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVII Jan-jun 2018	Trabalho 01 Páginas 01-24
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

desequilíbrio na ingestão de nutrientes e consumo calórico excessivo, como comprovado pelo Guia alimentar para a população brasileira, elaborado no ano de 2014 (BRASIL; MINISTÉRIO DA SAÚDE; SECRETARIA DE ATENÇÃO À SAÚDE; DEPARTAMENTO DE ATENÇÃO BÁSICA, 2014).

A alteração dos hábitos alimentares se reflete na mudança do estado nutricional de adultos e idosos. De acordo com os resultados encontrados, observou-se significativo ganho da mediana de peso e, embora a mediana de altura de ambos os sexos também tenha tido aumento, os valores do IMC se elevaram entre 1974/1975 e 2008/2009. Nota-se maior modificação quanto ao IMC entre os homens idosos, que aumentaram praticamente em média 4,0 kg/m² enquanto as idosas apresentaram aumento de em média 3,3 kg/m² entre as décadas. As mulheres idosas ainda detêm IMC mais alto do que os homens, visto que a média de IMC na década de 1970 já era maior entre as idosas (22,0 kg/m² para o sexo feminino e 20,6 kg/m² para o masculino). Percebe-se que em idosos de idade mais avançada o excesso de peso é menos expressivo, ou seja, a tendência de excesso de peso tende a diminuir com o avançar da idade para os idosos (KAC; SICHIERI; GIGANTE, 2007). Desta maneira, o maior risco está entre idosos de idade menos avançada. Em 1974/1975 não foram encontrados grupos etários de idosos com valores de IMC que se enquadrassem na categoria de sobrepeso (25 kg/m²) e a pesquisa realizada décadas após, em 2008/2009, indicou que o grupo etário masculino de 55 a 64 anos e feminino de 55 a 64 anos e 65 a 74 anos estão inseridos na categoria de sobrepeso. Estudo que analisou o estado nutricional de idosos brasileiros também encontrou maior prevalência de sobrepeso entre idosos do sexo feminino (CAMPOS; et al., 2006).

No biênio 1974/1975 os maiores valores de IMC obtidos estão entre mulheres idosas na faixa etária de 60 a 69 anos. Dentre os grupos analisados no biênio 2008/2009, as maiores medidas de IMC deparadas foram entre mulheres das faixas etárias de 55 a 64 anos e 65 a 74 anos e homens entre 55 e 64 anos. Não foram encontradas medianas do IMC em 1974/1975 e 2008/2009 grupos inseridos na faixa de obesidade. Percebe-se que os maiores valores de IMC foram detectados entre idosos, que entre os anos analisados foram inseridos na categoria de

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVII Jan-jun 2018	Trabalho 01 Páginas 01-24
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

sobrepeso em alguns casos. Dentre os adultos não foram encontradas medianas do IMC que se enquadrassem como sobrepeso. Adultos do sexo masculino são o grupo mais próximo a categoria de sobrepeso.

Tais resultados demonstram que a preocupação com o estado nutricional de idosos mudou de foco, de uma situação em que a prevalência de morbimortalidade era relacionada com o baixo IMC para um cenário em que a prevalência de morbimortalidade está associada ao aumento do IMC. Estudiosos também encontraram resultados de prevalência maior de excesso de peso entre mulheres idosas em estudo realizado com idosos no Sul do país (VENTURINI, 2015). Para os autores vários fatores podem explicar esta diferença: maior expectativa de vida para o sexo feminino, diferenças de hábitos alimentares entre os sexos, a menopausa enfrentada por mulheres é interligada ao ganho de peso e adiposidade e mulheres tendem a acumular mais gordura subcutânea e visceral que homens.

O aperfeiçoamento de técnicas de conservação, condicionamento e transporte fez com que os mercados extrapolassem as fronteiras nacionais, sendo possível a comercialização, em nível mundial, de produtos alimentícios como refrigerantes, conservas enlatadas, carnes e peixes congelados, entre outros. As dificuldades climáticas e ecológicas não são mais um empecilho para a distribuição de alimentos sazonais. Dessa forma, estão à disposição dos consumidores diversos produtos nos quais são acrescentados conservantes nocivos à saúde. Na década de 1970 a disponibilidade de alimentos industrializados era pouco significativa e com o passar do tempo percebe-se a diversificação de alimentos industrializados. A oferta de alimentos industrializados se dá praticamente em todos os setores alimentícios de supermercados, desde doces a macarrões instantâneos e refeições prontas congeladas (POULAIN, 2004).

A permanência em casa dos aposentados faz com que se criem hábitos de “beliscar” durante o dia, o que antes não era praticado devido à jornada de trabalho. Em casa, os aposentados tendem a se alimentar de pequenos lanches entre as refeições, compostos por biscoitos, bolos prontos, refrigerantes ou sucos prontos, doces, entre outros “snacks” (POULAIN, 2004).

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVII Jan-jun 2018	Trabalho 01 Páginas 01-24
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

Principalmente nas áreas urbanas são percebidos alguns empecilhos a uma boa alimentação: facilidade de acesso a produtos processados a preços baixos; a necessidade de realizar refeições fora de casa onde normalmente a oferta de alimentação não saudável é grande e o bombardeio de publicidade de fasts foods e alimentos industrializados. A publicidade de alimentos também se faz presente em áreas rurais, mas de forma pouco mais sutil, sobretudo por meio televisivo. O marketing de produtos alimentícios industrializados faz com indivíduos de todas as idades conheçam seus supostos benefícios, atraindo-os a experimentar estes produtos. As empresas de alimentos industrializados utilizam de embalagens criativas e chamativas, destacando micronutrientes de sua fórmula – que normalmente correspondem a pequenas quantidades (BRASIL; MINISTÉRIO DA SAÚDE; SECRETARIA DE ATENÇÃO À SAÚDE; DEPARTAMENTO DE ATENÇÃO BÁSICA, 2014; ABDALA, 1997). Atualmente a maior facilidade de transporte de produtos e o baixo preço de alimentos industrializados aliados à publicidade têm como consequência a disponibilidade destes alimentos industrializados até mesmo em áreas rurais mais isoladas.

A alimentação fora de casa, muito comum nos dias de hoje, é diferente qualitativamente de refeições preparadas nos domicílios. Esta modificação, também percebida durante a transição nutricional, é resultado da dinamização do mercado de trabalho e da inserção da mulher no mercado de trabalho. A alimentação feita fora de casa é muitas vezes menos saudável devido à grande utilização de óleos e gorduras para a preparação de alimentos, inúmeras opções de alimentos fritos e de carnes vermelhas (principalmente em restaurantes churrascarias), fácil acesso a alimentos ricos em açúcar e bebidas gasosas. No caso dos idosos, esta tendência de almoçar fora de casa provavelmente pode até ser menor, entretanto, é importante ressaltar que o isolamento e solidão dificultam a aquisição e preparo de alimentos, incentivando-os a comprarem refeições em restaurantes que entreguem em casa ou alimentos industrializados e de fácil preparo, os quais são ricos em açúcares, sódio e gorduras (POULAIN, 2004; ABDALA, 1997).

Como visto por um estudioso da área de sociologia da alimentação (POULAIN, 2004), a partir da aposentadoria, percebe-se a diminuição do hábito de

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVII Jan-jun 2018	Trabalho 01 Páginas 01-24
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

realizar refeições no setor de alimentação coletiva e aumentam os pedidos alimentares em domicílio. Este tipo de alimentação pode se mostrar como um facilitador para os aposentados. Entretanto, mesmo que os idosos solicitem quais alimentos desejam receber em casa, a proporção destes alimentos é determinada pelo restaurante, o qual vai optar em proporções menores de legumes e verduras e maiores de arroz ou outros carboidratos, por exemplo. Logo, os idosos são incentivados a se alimentarem de maneira não saudável ou até em discordância com o prescrito por indicação médica (POULAIN, 2004).

Pelo isolamento e dificuldades na preparação de alimentos, os idosos podem optar por alimentos e refeições industrializadas, os quais contêm considerável adição de açúcar, sódio e conservantes, que se consumidos em excesso são prejudiciais à saúde e podendo contribuir para o excesso de peso. Outro fator que pode levar idosos a consumirem este tipo de alimento é o baixo preço, visto que esta faixa etária normalmente possui baixa renda (KAC; SICHIERI; GIGANTE, 2007).

O hábito de se realizar refeições assistindo televisão é mais recente, e faz com que a pessoa perca a noção de quantidade de alimentos ingerida. Na década de 1970 este hábito era provavelmente bem menor do que em 2008-2009 e hoje em dia, visto as facilidades de acesso à compra de aparelhos de TV atualmente. Esta mudança de hábito é negativa para a população de um modo geral, inclusive a idosa, que apresenta alterações fisiológicas como perda de dentes e do paladar que se aliadas à distração no momento de refeição podem dificultar a mastigação e ingestão dos alimentos (BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. SECRETARIA DE ATENÇÃO À SAÚDE. DEPARTAMENTO DE ATENÇÃO BÁSICA, 2014; KAC; SICHIERI; GIGANTE, 2007). Há evidências de associação entre assistir televisão e ganho de peso (SAWAYA; FILGUEIRAS, 2015).

Antigamente, a imagem da mulher estava ligada à cozinha e aos cuidados domésticos, porém no decorrer do século XX a inserção da mulher no mercado de trabalho altera suas funções antes predominantemente domésticas. Mesmo introduzida no mercado, a mulher passa a exercer jornada dupla, no trabalho e em casa, com serviços domésticos, entre eles a preparação de refeições. Com menos

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVII Jan-jun 2018	Trabalho 01 Páginas 01-24
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

tempo para a preparação de refeições, são inseridos alimentos pré-cozidos ou prontos e congelados, em substituição de refeições que antes eram preparadas a partir de alimentos in natura e minimamente processados. Podemos citar como produtos que começam a ser utilizados molho de tomate e temperos prontos (ABDALA, 1997).

Frutas, legumes e verduras normalmente possuem preços mais elevados que alimentos industrializados. E entre as frutas, legumes e verduras, os alimentos de origem da agricultura convencional têm preços mais atrativos aos consumidores do que alimentos oriundos de sistemas de produção mais sustentáveis. A questão dos preços de alimentos da agricultura convencional serem mais atrativos que alimentos agroecológicos ou orgânicos pode ser explicada por mecanismos utilizados pela agricultura convencional, a qual é pertencente a grandes agricultores detentores de elevado capital, como a mecanização, crédito facilmente aprovado em bancos para investimentos e a utilização de herbicidas e agrotóxicos para maior produtividade. Já os produtores agroecológicos e orgânicos normalmente contam com mão de obra familiar, plantam de acordo com a época do ano, têm dificuldades em conseguir financiamento e detêm baixo capital. Por isso, seria interessante o maior fomento a políticas públicas que estimulem os pequenos produtores, a fim de diminuir o preço de seus produtos no mercado e então a população poderá ter acesso a produtos mais saudáveis (GLIESSMAN , 2001).

Alguns fatores podem influenciar os idosos a apresentarem especial risco nutricional. As alterações fisiológicas como visão reduzida, xerostomia (boca seca) e limitações físicas e motoras que dificultam a mobilidade e independência; alterações na cavidade bucal como a perda de dentes e uso de prótese dentária; fatores econômicos e psicossociais como o isolamento dos idosos e a grande parcela de idosos de baixa renda; e a institucionalização dos idosos, a qual nem sempre segue condições adequadas para a qualidade de vida dos institucionalizados. Todos estes fatores podem influenciar os hábitos alimentares dos idosos, sendo determinantes para o resultado do estado nutricional. Os idosos são parte de uma parcela da população a qual é mais vulnerável, no sentido de que necessitam muitas vezes de

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVII Jan-jun 2018	Trabalho 01 Páginas 01-24
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

cuidados externos, visto as dificuldades as quais enfrentam no dia a dia (KAC; SICHIERI; GIGANTE, 2007).

O padrão de morbimortalidade no Brasil tem se alterado, sobretudo devido aos seguintes aspectos: aumento da expectativa de vida e envelhecimento da população; redução da mortalidade precoce, sobretudo por doenças infecciosas e parasitárias; acelerado processo de urbanização e conseqüente mudanças socioculturais e aumento dos acidentes e da violência (OLIVEIRA, 2004). Relacionando-se transição nutricional e epidemiológica, tem se percebido a coexistência de obesidade e subnutrição devido à não superação de padrões decorrentes de deficiências nutricionais e o crescimento da prevalência de DCNT (JAIME; et al., 2015; CARMO; BARRETO; SILVA Jr, 2015).

Açúcares, grãos refinados e gorduras são fatores de risco para a obesidade, e alimentos como verduras, legumes e frutas são fatores de proteção. Alimentos incluídos no grupo de fatores de risco têm baixo custo enquanto alimentos de proteção a obesidade têm custos elevados (BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. SECRETARIA DE ATENÇÃO À SAÚDE. DEPARTAMENTO DE ATENÇÃO BÁSICA, 2014). A tendência da prevalência da obesidade é de aumentar com a idade e a partir dos 60 anos a prevalência diminui. É preciso considerar tanto o consumo quanto o gasto de energia, em vez de isolar determinados componentes da dieta dos idosos. Logo, mudanças de hábitos alimentares como um todo e introdução de exercícios físicos tendem a auxiliar na redução do excesso de peso que é fator de risco para diversas doenças (KAC; SICHIERI; GIGANTE, 2007).

05 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

As diferenças metodológicas de cada pesquisa já realizada restringiram o desenvolvimento do estudo, que poderia ter maior poder explicativo caso fossem comparadas variáveis oriundas de metodologias semelhantes. O novo perfil demográfico brasileiro demanda esta padronização de pesquisas, principalmente porque o acréscimo do número de idosos na população requer maiores investimentos, e para estes investimentos se adequarem à demanda, é preciso que

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVII Jan-jun 2018	Trabalho 01 Páginas 01-24
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

se compreenda o seu perfil nutricional e epidemiológico, por meio de pesquisas que possam ser comparáveis.

É notável que a população de Minas Gerais melhorou o consumo alimentar em alguns aspectos, fato que possivelmente influenciou a superação de deficiências nutricionais específicas e globais (como o marasmo nutricional). Entretanto, as mudanças de hábitos alimentares também estão associadas à ascensão de DCNT.

Concluiu-se que o consumo de frutas, verduras e legumes está associado à prevenção de doenças cardiovasculares e alguns tipos de câncer, presentes no atual cenário epidemiológico. Com o aumento do consumo destes alimentos, em detrimento de produtos industrializados, provavelmente conseguir-se-á diminuir a incidência de doenças crônicas e adequar o IMC daquelas pessoas que apresentam excesso de peso. A alteração de hábitos alimentares e de exercícios físicos da população analisada entre os anos delimitados provavelmente foram os motivos desencadeadores do aumento do IMC.

A escolha por alimentos não é realizada de forma unicamente individual, uma vez que vários fatores influenciam esta decisão, como a localização da moradia, a disponibilidade e diversidade de alimentos no município, o rendimento familiar, idade, escolaridade, hábitos culturais, fatores religiosos, entre outros. Ou seja, o ambiente em que o indivíduo está inserido (no sentido geográfico e social) e suas condições sociais irão determinar seus hábitos alimentares. No caso do estado de MG, por se tratar de um estado de grandes proporções geográficas e de diferenças regionais ambientais e culturais, não há como definir um padrão homogêneo de hábitos alimentares. Entretanto, com o passar das décadas, sabe-se que o estado tem aumentado sua população urbana, o que passa a ser fator influenciador para o consumo alimentar.

A formação de hábitos alimentares é construída com base em determinações socioculturais e a publicidade, sobretudo televisiva, tem papel estruturador na formação de práticas alimentares (TARDIDO; FALCÃO, 2006). As crianças e jovens têm formado seus hábitos alimentares por influência da mídia, e estão acostumando desde cedo a manterem uma alimentação desequilibrada com

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVII Jan-jun 2018	Trabalho 01 Páginas 01-24
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

alta proporção de produtos industrializados. Os idosos em vida atualmente criaram seus hábitos alimentares principalmente em áreas rurais, com grande oferta de verduras, frutas e legumes e com acesso restrito a produtos industrializados. Assim sendo, pode-se prever um problema futuro, pois crianças e jovens atuais estão criando práticas alimentares inadequadas, o que poderá influenciar no consumo alimentar durante toda a vida. Os futuros adultos e idosos poderão ter maior probabilidade de desenvolverem doenças crônicas relacionadas à má alimentação. Há elementos para se pensar que os brasileiros nascidos após os anos 1980 estão mais expostos a estes efeitos da transição nutricional (TARDIDO; FALCÃO, 2006).

Durante a transição demográfica, além do processo de envelhecimento da população, há também a tendência de aumento de migração interna, aumentando a população urbana. Desta maneira, muitas tradições desenvolvidas no espaço rural perdem espaço, a exemplo da agricultura familiar, a qual vem perdendo espaço para o modelo de agricultura convencional. O crescimento da produção de alimentos via agricultura convencional nas últimas décadas faz parte do processo de transição nutricional e representa um aspecto negativo: alimentos produzidos em larga escala em monoculturas com adição de agrotóxicos. O impacto, além de ambiental, é também social, pois o consumo de alimentos contaminados por agrotóxicos é prejudicial à saúde podendo levar ao desenvolvimento de doenças, como alguns tipos de câncer.

Políticas públicas são necessárias para acompanhar o processo de transição nutricional o qual o Estado de MG e o país tem enfrentado. Para isso é preciso que sejam incentivados: modelos de produção de alimentos menos nocivos à saúde ambiental e humana, alimentação saudável e prática de exercícios físicos, práticas da medicina preventiva, melhoria de unidades de saúde para melhor atender a população idosa, pesquisas de avaliação de estado nutricional e consumo alimentar periódicos, entre outras medidas que visem prevenir doenças crônicas entre a população que está cada vez mais idosa.

A transição demográfica tem resultado em um acréscimo da população idosa em Minas Gerais, a qual durante as últimas décadas modificou seus hábitos de consumo alimentar e de exercícios físicos, tendo como consequência um novo

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVII Jan-jun 2018	Trabalho 01 Páginas 01-24
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

perfil epidemiológico, destacando-se a prevalência de Doenças Crônicas não Transmissíveis. É necessário, portanto, que novos inquéritos alimentares e antropométricos sejam realizados, entretanto como uma definição padronizada de metodologias, para que seja possível comparar os resultados com maior confiabilidade no decorrer do tempo. Assim sendo, será possível o desenvolvimento de políticas públicas adequadas para cada grupo populacional específico, levando em consideração o novo perfil demográfico e epidemiológico que vem sendo formado.

06 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDALA, M.C. (1997). *Receita de mineiridade: a cozinha e a construção da imagem do mineiro*. Uberlândia: EDUFU, 1997. 188 p.

BARBIERI, A.F. (2013). *Transições populacionais e vulnerabilidade às mudanças climáticas no Brasil*. REDES (Santa Cruz do Sul. Impresso), v. 18, p. 1-15, 2013.

BRASIL; Ministério da Saúde; Secretaria de Atenção à Saúde; Departamento de Atenção Básica. (2014). *Guia alimentar para a população brasileira / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica*. – 2. ed. – Brasília : Ministério da Saúde, 2014.

CAMPOS, M.A.G.; et al. (2006). *Estado Nutricional e Fatores Associados em Idosos*. *Revista da Associação Médica Brasileira*. Belo Horizonte, 52(4): 214-21, 2006.

CARMO, E.H.; BARRETO, M.L.; SILVA Jr J.B. (2003). *Changes in the pattern of morbidity and mortality of the brazilian population: challenges for a new century*. *Epidemiol. Serv. Saúde*, Brasília, v. 12, n. 2, jun. 2003. Disponível em <http://scielo.iec.pa.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742003000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 10 Nov. 2015.

CEDEPLAR e FIOCRUZ (2008). *Mudanças Climáticas, Migrações e Saúde: Cenários para o Nordeste Brasileiro, 2000-2050*. Relatório de Pesquisa (Research Report): Belo Horizonte, CEDEPLAR/FICRUZ, Julho de 2008. Disponível em

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVII Jan-jun 2018	Trabalho 01 Páginas 01-24
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:bllhvP2WtoEJ:www.cedeplar.ufmg.br/pesquisas/migracoes_saude/Cedeplar_Sumario_Executivo.pdf+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em 15 Jun. 2015.

COUTINHO, M.N. (2010). *Agricultura urbana: práticas populares e sua inserção em políticas públicas*. 2010. 205 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

EMBRAPA. (2002). *Feijão na Economia Nacional*. Santo Antônio de Goiás, GO, 2002.

GIOVANINI, A.; FREITAS, C.A.; CORONEL, D.A. (2013). *Análise da quantidade produzida de CO2 pela bovinocultura no Estado do Rio Grande do Sul*. *Ciência Rural, Santa Maria*, v.43, n.10, p. 1918-1923, out, 2013. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/cr/v43n10/a27413cr2012-0714.pdf>>. Acesso em 09 Nov. 2015.

GLIESSMAN, S. R. (2000) *Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável*. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. (1977). *Estudo Nacional da Despesa Familiar - ENDEF: dados preliminares - consumo alimentar - antropometria*. Região II - Estado de São Paulo/Região IV – Minas Gerais e Espírito Santo. Rio de Janeiro: IBGE; 1977.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. (2010). *Pesquisa de Orçamentos Familiares – 2008-2009: Antropometria e estado nutricional de crianças, adolescentes e adultos no Brasil*. Rio de Janeiro; 2010.

JAIME, P.C; et al. (2009). *Fatores associados ao consumo de frutas e hortaliças no Brasil, 2006*. *Rev. Saúde Pública*, São Paulo, v. 43, supl. 2, p. 57-64, Nov. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-891020090009000008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 31 Out. 2015.

KAC, G.; SICHIERI, R.; GIGANTE, D.P. (2007). *Epidemiologia Nutricional*, Rio de Janeiro: Ed.Fiocruz/Atheneu, 2007.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVII Jan-jun 2018	Trabalho 01 Páginas 01-24
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

KAC, G.; VELASQUEZ-MELENDZ, G. (2003). *A transição nutricional e a epidemiologia da obesidade na América Latina*. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 19, supl. 1, p. S4-S5, 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2003000700001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 26 Out 2015.

MARTINE, G. (1996). *População, meio ambiente e desenvolvimento: o cenário global e nacional*. *População, meio ambiente e desenvolvimento: verdades e contradições*. G. Martine. Campinas, Editora da UNICAMP: p. 21-41.

MARTINS, T.I.; MENEGUCI, J.; DAMIÃO, R. (2015). *Pontos de corte do índice de massa corporal pra classificar o estado nutricional em idosos*. *Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social*. Uberaba, v. 3, n. 2, p. 78-87, Maio-Agosto 2015.

MONDINI, L.; MONTEIRO, C.A. (1994) *Mudanças no padrão de alimentação da população urbana brasileira (1962-1988)*. *Rev. Saúde Pública*, 28 (6): 433-9, 1994.

MOREIRA, J.M. (2013) *Cultura, política e o mundo rural na contemporaneidade*. *Estudos Sociedade e Agricultura*, 20, abril 2003: 113-143. Disponível em <<http://r1.ufrjr.br/esa/V2/ojs/index.php/esa/article/view/232/228>>. Acesso em 09 Nov. 2015.

OLIVEIRA, R.C. (2004). *A transição nutricional no contexto da transição demográfica e epidemiológica*. *REV. MIN. SAÚDE PÚBL.*, A.3 , N.5 , P.16-23 – JUL./DEZ.2004

POULAIN, J.P. (2004). *Sociologias da alimentação: os comedores e o espaço social alimentar*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2004.

RODRIGUES, C.M.R. (2005). *A Comunicação Oral a sua Importância para a Transmissão da Cultura Popular*. Universidade Federal do Maranhão. Centro de Ciências Sociais. Departamento de Comunicação Social. São Luís, 2005.

SAWAYA, A.L.; FILGUEIRAS, A. (2013). *"Abra a felicidade"? Implicações para o vício alimentar*. *Estud. av.*, São Paulo , v. 27, n. 78, p. 53-70, 2013 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142013000200005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 12 Nov. 2015.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVII Jan-jun 2018	Trabalho 01 Páginas 01-24
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

TADDEI, J.A.; et al. (2011). *Nutrição em Saúde Pública*. Editora Rubio LTDA, 2011.

TARDIDO A.P.; Falcão M.C. (2006). *O impacto da modernização na transição nutricional e obesidade*. *Rev Bras Nutr Clin*. 2006; 21(2):117-24.

VENTURINI, C.D; et al. (2013). *Prevalência de obesidade associada à ingestão calórica, glicemia e perfil lipídico em uma amostra populacional de idosos do Sul do Brasil*. *Rev. bras. geriatr. gerontol.*, Rio de Janeiro , v. 16, n. 3, p. 591-601, Sept. 2013 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-98232013000300016&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 31 Out. 2015.

VERAS, R. (2007). *Fórum. Envelhecimento populacional e as informações de saúde do PNAD: demandas e desafios contemporâneos. Introdução*. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro , v. 23, n. 10, p. 2463-2466, Oct. 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2007001000020&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 10 Jun. 2015.